



NARRANDO A CAMINHADA DA SECA: TEXTUALIZAÇÕES AUDIOVISUAIS DO CANAL VIVENDO O SEMIÁRIDO

Daniel Macêdo¹

RESUMO: Caminhada da Seca é um acontecimento anual que mobiliza gestos de memória aos mortos do campo de concentração do Patu, em Senador Pompeu/CE. Dado o caráter romeiro, a caminhada se faz a partir da articulação de agentes diversos que partilham e que textualizam o caminho. Dentre eles, está Suderly Andrade ao caminhar filmando para produzir suas obras audiovisuais propondo imaginários à peregrinação. Com os audiovisuais publicados no canal Vivendo o Semiárido, nos interessa mirar as dimensões narrativas que se montam nas textualizações de Suderly e pelas quais somos convocados a imaginar e a constituir percursos em meio a efeméride romeira.

PALAVRAS-CHAVE: *Caminhada da Seca. Senador Pompeu. Romaria. Audiovisual. Textualidade.*

ABSTRACT: Caminhada da Seca is an annual event that mobilizes gestures of memory to the dead of the Patu concentration camp, in Senador Pompeu/CE. Given its pilgrimage nature, the walk is organized by different agents who share and textualize the path. Among them is Suderly Andrade, who has been filming to produce her audiovisual works proposing imaginary pilgrimages. With the audiovisuals published on the Vivendo o Semiárido channel, we are interested in looking at the narrative dimensions that are assembled in Suderly's textualizations and through which we are summoned to imagine and constitute routes in the midst of the pilgrimage ephemeris.

KEYWORDS: *Caminhada da Seca. Senador Pompeu. Pilgrimage. Audiovisual. Textuality.*

¹ Doutor em Comunicação e Sociabilidades Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais, Docente no Depto. de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: daniel.3macedo@gmail.com

Introdução

Em 1932, com o período de estiagem e com as demandas de controle social dos habitantes da capital cearense, o Estado retomou as experiências de 1915 em que realizou campo de concentração para migrantes vindos dos sertões e realizou sete zonas de confinamento descentralizadas no entorno. Localizados nas proximidades das principais cidades conectadas à malha férrea, os campos se deram em espacialidades que hoje reconhecemos como partes das cidades do Crato, de Cariús, de Senador Pompeu, de Quixeramobim, de Ipu e de Fortaleza.

Apesar das afirmações governamentais que demarcavam os campos de concentração como lugares como políticas de socorro, a exemplo das considerações de Vargas (1933) ao discursar em Fortaleza, a impossibilidade de saírem das zonas de confinamento convocava os sertanejos a nomearem estes lugares como ‘currais do governo’. Esta dualidade de nomeação em torno do lugar, revelam as intenções de cada agente. Nesta última, com a ausência de alimentação e de condições sanitárias aliadas ao contato cotidiano com a morte, admite-se a destituição da humanidade que lhes fora imposta com o confinamento.

87

Não há apontamentos precisos em torno da quantidade de pessoas que foram confinadas ou que padeceram nos campos de concentração do Ceará; podemos saber, a partir das pesquisas de Kênia Rios (2014) e de Frederico Neves (1995), que o volume dos que padeciam diariamente naturalizou a presença de valas coletivas que aglomerava os mortos destituindo-lhes o direito a identidade e negando-lhes os ritos sagrados da cristandade – da qual muitos dos confinados eram adeptos.

As experiências de confinamento se desdobraram em processos variados de composições de memórias a partir das dualidades entre lembrar e esquecer que se modulam em razão das particularidades dos territórios e dos contextos sociais. Isto é, dialogando com as proposições de Luciana Amormino (2024), considerarmos que as memórias sobre o acontecimento histórico se agenciam performaticamente a partir das relações sociais pelas quais memórias revelam seu caráter coletivo e se exercitam como gestos – como proposições que revelam as tomadas de posição que as fundamentam.

Dentre elas, em meio ao percurso doutoral, tenho lançado atenções à Caminhada da Seca que, realizada desde 1982, constituiu-se como um rito romeiro.

A Caminhada da Seca é uma procissão anual que se realiza no segundo domingo de novembro, na cidade de Senador Pompeu/CE, como um gesto de memória às experiências de confinamento no Campo de Concentração do Patú e como um rito de fé às almas santas dos que ali padeceram. Ao pesquisarem a romaria, os escritos dos historiadores Aterlane Martins (2015) e Karoline Silva (2017) e os do jornalista Alessandro Fernandes (2024) convergem ao reconhecerem que a iniciativa se fundamenta com as práticas de religiosidade popular que admitem a santificação dos que padeceram encurralados e ao convocarem atenções à multiplicidade de agentes que dinamizam o percurso.

Saindo da Paróquia de Nossa Senhora das Dores e caminhando em direção ao cemitério que simboliza os que foram enterrados em locais imprecisos em meio à paisagem do semiárido, o trajeto se ornamenta a partir das relações de adesão e de recusa que o instituem. Isto é, em detrimento dos olhares ao macro que tomam a Caminhada da Seca como um dado homogêneo a partir da multidão, importa notarmos que a romaria se dá com as agências políticas e as performances particulares que se exercitam ao longo do caminho. Trata-se de, dialogando com as proposições de Leal e Macêdo (2024), admitirmos que a Caminhada da Seca se forja com as relações entre agentes que com ela se envolvem propondo significações e mobilizando multidimensionalidades ao acontecimento.

Neste rumo, partindo das performances e das elaborações daqueles que caminham filmando, nos interessa mirar a Caminhada da Seca a partir das elaborações audiovisuais como um gesto para legarmos atenção às perspectivas que textualizam esta multidimensionalidade ao acontecimento. Valdecy Alves, Leo Maroto, Fram Paulo e Walter Lima estão entre os agentes que realizam obras audiovisuais sobre a Caminhada da Seca a partir das experiências ao caminhar filmando. Além destes, cabe destacar a presença de Suderly Andrade (2017; 2019) ao produzir *35º Caminhada da Seca*

Senador Pompeu-CE, em 2017; e *37º Caminhada da Seca Senador Pompeu-CE*, em 2019 – que aqui miramos.

Suderly Andrade vive em Muxinató, comunidade rural de Senador Pompeu em que se relaciona com a agricultura familiar. Com sua câmera, ele fotografa paisagens e aves do sertão central dispondo-as no perfil @suderlly no Instagram e produz obras audiovisuais sobre dinâmicas que lhes são cotidianas a partir das experiências rurais que mobilizam o canal Vivendo o Semiárido no Youtube. Em meio às suas produções que propõem contornos às espacialidades a partir de suas experiências, estão as duas obras deste realizador sobre a Caminhada da Seca. Neste contexto, elas assumem especial interesse à pesquisa que desenvolvo; afinal, do lugar social em que Suderly mobiliza perspectiva à romaria, o acontecimento se textualiza considerando repertórios rurais – que reforçam as distinções com os produtores audiovisuais mencionados, especialmente ao considerarmos as dinâmicas urbanas e as experiências acadêmicas que ornamentam o fazer audiovisual dos outros agentes pesquisados – e nos propõe imaginários sobre a dinâmica romeira a partir destes contextos.

Admitindo os audiovisuais como textos, partimos das proposições teóricas de Bruno Leal (2018) que, diante de elaborações narrativas, nos convocam atenções às textualidades como gesto para valorizar as dimensões contextuais em que determinadas produções se realizam. A Caminhada, embalada pelos repertórios da vida rural de Suderly Andrade e pelo cruzo com outros agentes com os quais se envolve no percurso, textualiza-se a partir das experiências e das tomadas de posição exercidas pelo sertanejo que, em seus exercícios de montagem, elabora contornos ao acontecimento. Neste rumo, a partir dos estudos em textualidades, nos relacionamos com as obras de Suderly valorizando as experiências com suas produções como prática de conhecimento (LEAL, 2023) e exercitamos um experimento teórico metodológico marcado pela dualidade entre *mirar montagens* e *montar miragens* – detalhadas a seguir.

Mirando montagens do canal Vivendo o Semiárido

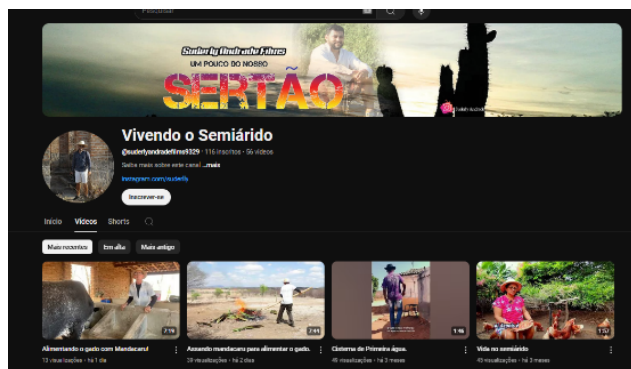
Valorizando as experiências com os audiovisuais, nos empenhamos a mirar montagens como gesto para tomar notas das processualidades e das tomadas de posição que se tornam notórias em razão do posto fundamental que ocupam nestas produções. Partindo das elaborações sobre este exercício, lançamos miradas em três sentidos: na primeira, ao *mirar o audiovisual como montagem* a fim de posicioná-los como textualizações; na segunda, ao *mirar os processos de montagem* notando as adesões e as recusas às formas audiovisuais e às proposições imaginárias sobre a Caminhada da Seca; na terceira, ao *mirar o que se monta* com os textos para além de suas aparentes materialidades.

A primeira mirada orienta-se como uma instabilização dos audiovisuais ao nos demandar atenções às tomadas de posição que se desempenham em meio a feitura da obra; e, com isso, admite-se como um gesto epistêmico de ruptura com a pretensão de neutralidade e de isenção postulado às visualidades que se propõem a narrar acontecimentos. A segunda mirada busca identificar os processos operatórios que dão forma às tomadas de posição, discutindo as adoções e os desvios a determinadas gramáticas que fundamentam os gêneros audiovisuais considerando que as escolhas técnicas e estéticas expõem rastros das perspectivas, das intencionalidades, dos esforços de legitimação praticados e reivindicados por Suderly ao narrar e ao propor uma determinada proposição imaginária sobre a Caminhada da Seca. A terceira mirada, a partir das anteriores, convoca atenções ao que se monta em aliança às obras; valorizando os projetos de memória, as performances narrativas e as relações com o espaço-tempo que se instituem com as textualizações. A partir destas miradas, tomamos notas de elementos em torno das dinâmicas de montagem de Suderly Andrade que, com o cruzo das informações, nos permitiram compor os dados que partilhamos a seguir.

As produções de Suderly Andrade se orientam a compor o canal Vivendo o Semiárido, disposto de modo gratuito no Youtube. O canal está inscrito na plataforma de 2015, mobiliza 116 inscritos e conta com 56 vídeos publicados, sem firmar uma periodicidade regular das produções. Na capa, promete que irá narrar “um pouco do

nosso sertão” a partir de uma montagem que cruza uma fotografia de Suderly a paisagem do céu com cacto em silhueta.

Figura 1 – Canal Vivendo o Semiárido, produzido por Suderly Andrade



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)

No canal Vivendo o Semiárido, as produções aproximam-se não apenas pela particularidade de quem as produz, mas pelo direcionamento a partilhar dinâmicas cotidianas a partir da experiência rural exercida pelo sertanejo. Partilhando sobre as formas que alimenta o gado e que cuida da cisterna, Suderly assume a textualização audiovisual como dinâmica para narrar o mundo de sentidos com o qual se envolve e no qual se insere. É em meio a estas proposições sobre a vida rural que a Caminhada da Seca se angula nas produções deste canal.

Em 2017, a produção da Caminhada (VIVENDO..., 2017a) se alia a outras três produções realizadas naquele ano que narram sobre as galinhas poedeiras (VIVENDO..., 2017b) e sobre o quintal agroecológico (VIVENDO..., 2017c) que realiza em seu sítio e a uma gravação violeira de hinos católicos (VIVENDO..., 2017d). Nenhuma das obras conta com comentários e interações do público e as duas com cenas rurais, sequer alcançam 50 visualizações até este registro; enquanto o vídeo do violeiro foi visto por 170 pessoas e o vídeo da Caminhada por 626 usuários do Youtube.

Em 2019, o vídeo sobre a Caminhada (VIVENDO..., 2019a) se enreda a outros quatro: três que mobilizam proposições sobre a espacialidade (VIVENDO..., 2019b; 2019c; 2019e) e um em que Suderly entrevista Ivan Célio Moreira, presidente do

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Senador Pompeu, para criticar os buracos na estrada de acesso ao sítio Muxinató (VIVENDO..., 2019d). Nenhuma das obras conta com comentários, com cenas sertanejas não alcançam 20 visualizações; já a entrevista sobre a estrada foi vista por 245 pessoas e o registro da Caminhada por 528 usuários.

Os vídeos da Caminhada (VIVENDO..., 2017a; 2019a) aproximam-se na forma audiovisual com a qual se realizam. São obras que se valem de imagens registradas ao caminhar filmando e, nisto, transitam entre o realismo promovido pelo foco e o surrealismo do desfoque; imagens com as quais se exercita um processo de montagem marcado pela elaboração de um fluxo visual que situa o percurso da Caminhada e que se combina a uma música que ambienta a narrativa. A produção de 2017 adota a música *Noites Traíçoeras*, de Padre Marcelo Rossi; enquanto a de 2019 opta por *Meu alvo*, de Thiago Brado. Embora estas sonoridades cumpram papel de importância ao ambientar o fluxo das imagens e ao demarcar a orientação católica pela qual Suderly nos convoca a imaginar a Caminhada da Seca, as sonoplastias cumprem postos que pouco tensionam a disposição das imagens.

Estas obras (VIVENDO..., 2017a; 2019a) se dão, então, sob forma audiovisual que combina registros visuais a um fundo sonoro sem proposições verbais de Suderly – inclusive, no Youtube, não há legendas ou descrições dos vídeos. Esta forma assemelha-se as iniciativas realizadas por Waldecy Alves entre 2009 e 2010 em que, com a combinação entre filmagens e músicas, realizava suas montagens sobre a Caminhada. Esta forma audiovisual, realizada por Suderly, não é uma opção exclusiva para narrar a Caminhada se considerarmos que é também nesta combinação entre imagens e palavras que se dão as demais obras de 2017 e de 2019 em que não há pessoas em atos verbais. Esta combinação entre filmagens e músicas, no caso de Suderly, constitui uma gramática audiovisual que mobiliza suas formas de textualizar audiovisuais sobre as experiências que vive, sobre aquilo que vê e deseja partilhar com seus públicos.

Tanto em relação a estas produções mencionadas, quanto em relação às demais obras do canal, importa notarmos que os audiovisuais sobre a Caminhada da Seca estão entre as produções que possuem maior adesão de públicos – com visualização inferior

apenas ao vídeo comemorativo ao aniversário de 125 anos de Senador Pompeu (VIVENDO..., 2021). Não cabe, portanto, tomar que a baixa adesão dos vídeos anteriores se dá em razão da forma; ao passo que podemos inferir que a notória relevância da Caminhada da Seca convoca públicos a acessarem as produções.

Montando miragens da Caminhada da Seca

Com as textualizações em que Suderly monta a Caminhada da Seca sob forma audiovisual embalada pela combinação entre um fluxo de imagens do percurso e uma música de orientação católica, somos por ele convidados a mirar a romaria. Isto é, na medida em que tomamos notas dos contornos por ele propostos, as formas como imaginamos e significamos o acontecimento se dão de modos peculiares a cada leitor. Por isso, neste exercício, pensamos o processo de *montar miragens* como uma admissão deste lugar parcial que desempenhamos ao nos envolvermos com os textos audiovisuais e ao manejar imaginários.

Diferente das intenções de completude significativa, as vinculações experienciais ao nos relacionarmos com os textos, como propõe Leal (2023), revelam a impureza das imagens que propomos – e que escrevemos. Neste fluxo, montar miragens é parte da experiência com audiovisuais quando nos percebemos (des)montando narrativas a partir das afetações que nos são sensíveis. Logo, as imagens que dão-se à ver a partir das experiências são impregnadas pelo contexto e pelas agências que as mobilizam e reconhecer estas impurezas é, dialogando com Bruno Leal (2018), um gesto para posicionarmos que a pesquisa com textos é também um processo de textualização com suas próprias textualidades mobilizadas a partir das tensões e das potências em que se dá o encontro.

Cabe, neste jogo, partilhar meu lugar social e epistêmico enquanto um pesquisador nascido em Senador Pompeu, radicado no sudeste brasileiro e que, dentre as experiências de infância, percorria a rota da Caminhada da Seca. Este repertório, associado às experiências de encontro com os audiovisuais, são aspectos fundamentais

que mobilizam a impureza e a particularidade das miragens que mobilizo quando estou a me envolver com as montagens de Suderly Andrade.

Considerando estes apontamentos sobre as relações com audiovisuais, os percursos para *montar miragens* se realizaram a partir de combinações das pistas que encontramos ao *mirar montagens* nos três sentidos propostos. Assim, dada a centralidade das imagens que estruturam estas obras, retomamos os fragmentos visuais das elaborações narrativas que fundamentam proposições ao percurso para, enredando-as, articular as miragens que me são possíveis a partir do encontro com audiovisuais nesse momento, nesse contexto de pesquisa.

Para realizar estes enredamentos, retomo as orientações de Gonzalo Abril (2007) para semiótica visual em que o pensador espanhol considera que as relações combinatórias entre diferentes produtos narrativos se dão como parte fundamental de nossos processos significativos. Diferente de um isolamento das obras, montar miragens se vale destes acionamentos repertoriais em que a relação com os vídeos se amplia com o enredamento de outras produções, de outros textos, que emergem em meio ao processo de significação e de imaginação da Caminhada da Seca em meio a este encontro. A partir destes enredamentos, mobilizamos nossas próprias imagens, como miragens, ao acontecimento – que dispomos a seguir.

94

É sob o chão de terra batida, com os passos de fieis, que Suderly Andrade nos convoca a imaginar a Caminhada da Seca a partir das primeiras imagens que ele nos partilha em sua obra de 2019. O quadro em plano detalhe em torno dos pés se alarga, revelando as partes inferiores dos corpos de caminhantes e a faixa do Centro de Defesa de Direitos Humanos Antônio Conselheiro – CDDHAC.

Figura 2 – Canal Vivendo o Semiárido, produzido por Suderly Andrade



Fonte: Acervo de pesquisa (2024) /Vivendo o Semiárido (2019a)

A terra amarelada da caatinga, granulada pela desertificação da região, levanda-se em poeira com as passadas. Não é possível saber quem caminha, mas somos convocados a notar que há caminantes que seguem no mesmo rumo – e não são poucos. O quadro transiciona para um plano geral em que apresenta o abre-alas da caminhada conduzido por romeiros trajados de branco, um produtor audiovisual trajado de preto caminhando em direção à câmera pelo trajeto delimitado por cercas.

Figura 3 – Abre-alas da Caminhada da Seca



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2019a)

Esta composição inicial realizada por Suderly, em 2019, difere-se de suas elaborações de 2017 ao optar por um jogo de câmera dinâmico e que sobressalta detalhes em torno de elementos que estruturam a caminhada. A presença de pagadores de promessas, especialmente descalços, estão entre os elementos visuais recorrentes da Caminhada da Seca, segundo os escritos de Martins (2015), de Silva (2017) e de Fernandes (2024). A opção por detalhar os pés, embora seja inovadora nas produções de Suderly, é recorrente em elaborações audiovisuais sobre a Caminhada da Seca, a exemplo das produções audiovisuais; contudo, cabe destacá-la como um gesto de elaboração simbólica que contribui para consolidação dos signos associados à romaria.

Na elaboração de 2017, não há composições em detalhes. O que temos são composições de filmagens com câmera na mão, revelando as tremulações do movimento, em que Suderly nos apresenta seu lugar em meio à multidão. Em planos gerais, são as imagens do volume da multidão ao longo do trajeto que se evidenciam nesta produção.

Figura 4 – Perspectivas de Suderly em meio romaria



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a)

As imagens em plano geral da obra de 2017 se iniciam a partir do primeiro quadro da Figura 4 em que se vê, ao fundo, a Capela de Nossa Sra Aparecida; além de se uma sequência de imagens em que se revela o trajeto urbano. Aqui, temos um segundo ponto de diferença entre as duas obras: enquanto, em 2017, a Caminhada se dá como uma transição de espacialidades urbanas para rurais; em 2019, a romaria já se inicia em cenas gravadas em locais marcadas pela presença dos signos associados ao sertão e à caatinga. Embora, nestes anos – assim como em todos os outros – o início da Caminhada se dê na Paróquia de Nossa Senhora das Dores, há uma escolha fundamental que Suderly exercita ao compor um vídeo orientado a narrar o trajeto a partir da rejeição ao ponto de concentração e da adesão a estas localidades como pontos pelos quais se dá a largada da Caminhada textualizada por Suderly.

96

Em ambos os vídeos, há performances ao caminhar filmando que são exercitadas por Suderly. Isto é, em meio ao movimento com a câmera, há uma dimensão afetiva que mobiliza determinados empenhos para compor registros e inscrever em visualidades aquilo que lhe é sensível. Contudo, este processo se dá de modos distintos em cada experiência de Suderly ao caminhar filmando. Enquanto em 2017 ele segue longos trechos filmando o que se vê a sua frente, em meio à multidão; em 2019 há uma maior diversidade de ângulos, de quadros e de localidades pelas quais ele decide fazer registros visuais – isto porque os registros sonoros, em ambos os casos, sucumbem em favor da música que ambienta a produção.

Figura 5 – Angulações em ponto fixo



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a; 2019a)

Em 2017, há apenas um quadro em que Suderly fixa-se para fazer registro dos caminhantes e do fluxo que com eles se desenvolve em meio ao espaço rural; já em 2019, com maior diversidade de quadros em plano geral com registros curtos, há uma maior variedade de angulações e de elaborações visuais com a câmera que fortalecem a noção de adesão popular à romaria. Em tempo, enquanto há nitidez em todas as imagens de 2017 em razão do equipamento com foco regulado, as imagens de 2019 aparecem com desfoques que, aparentemente despropositados, revelam as características de uma câmera com focagem manual – sendo, inclusive, esta obra um testemunho das relações de contato e de descoberta entre Suderly e sua câmera.

97

Embora não pareçam intencionais, o registro e desfoque da Caminhada mobiliza uma proposição estética surrealista se, em diálogo com as proposições de José Martins de Souza (2016), considerarmos que estas composições visuais abrem brechas para fabulações. Diante da Caminhada de Suderly, a transição entre focos e desfoques me faz mirar a presença das almas santas em meio ao percurso, caminhando com os romeiros e pagadores de promessa. Há uma larga tradição no cinema em que usos dos desfoques surgem para compor visualidades sobre fantasmas, com destacam os escritos de Max Milner (1982). Com este referente técnico-estético e diante da reconhecida admissão da presença dos que morreram e de suas santificações pelo povo, é como fantasmas que estas imagens desfocadas surgem em miragens a partir dos encontros com a obra de 2019.

Em alguns casos, o desfoque já não se lança sob toda a multidão e recai sob uma única pessoa que ocupa o quadro em plano fechado. Em que pese a recorrência de desfoques e desta inerente associação à fantasmas a partir da poética visual admitida a este referente técnico-estético, cabe destacar como o detalhamento em torno de caminantes se constitui um elemento diferenciador entre as produções.

Figura 6 – Singularização de caminantes

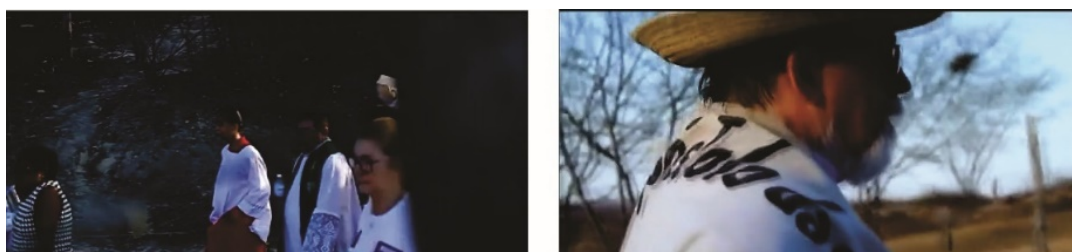


Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a; 2019a)

Há um único momento, em 2017, em que a homogeneização das pessoas vertidas em multidão dá espaço a um rosto e, com ele, a possibilidade de imaginarmos uma história e uma trama singular. Esta presença singular e as tramas das histórias de vida surgem com maior espaço nas produções de 2019 e, embora as pessoas não sejam identificadas pelo nome, é possível vê-las e identificá-las a depender dos repertórios de quem se relaciona com as obras. Dentre os perfis singularizados em 2019, estão os agentes da Igreja Católica que, por sua vez, são exibidos caminhando em meio ao povo.

98

Figura 7 – Presença de párocos e agentes católicos



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2019a)

A presença de padres, coroinhas e organizações católicas são recorrentes nas obras audiovisuais sobre a Caminhada da Seca. Contudo, a exemplo das obras de Valdecy Alves, estes surgem a frente da romaria, conduzindo o abre-alas. Na Caminhada de Suderly, por sua vez, os agentes católicos surgem caminhando em meio ao povo e, com isso, reforçam imaginários de uma igreja popular e envolvida com os casos e interesses sociais que mobilizam seus adeptos. Fora do abre-alas, a Igreja já não é agente central; ao passo que, em meio ao povo, toma lugar como uma das instituições que se integra a Caminhada da Seca. A presença dos agentes da Igreja também é notada em meio ao povo na produção de 2017, como podemos ver no primeiro quadro da Figura 8; contudo, com o plano geral, pouco identifica-se a presença destes agentes que se diluem em meio as pessoas.

Figura 8 – Caminhada no entorno da Serra do Patu.



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a; 2019a)

Nestes quadros da Figura 8, somos chamados a mirar o enlace da Caminhada com a Serra do Patu e, com isso, admitirmos a aproximação com o Cemitério das Almas do Campo do Patu. A referencialidade deste lugar admite tal presença tanto nas obras de Suderly, quanto em outros vídeos realizados sobre a Caminhada, como temos notado ao longo desta pesquisa. Ao chegar ao cemitério, em ambas as produções, Suderly se empenha em nos ambientar ao lugar revelando a multidão que percorre o espaço. Em 2017, as imagens se dão a partir de seus movimentos com a câmera em mãos e tendo a

capela do cemitério como ancorador visual. Em 2019, por sua vez, as imagens se realizam com uma câmera na mão que destaca o cruzeiro ali presente e com um drone que permite vista aérea da espacialidade, dimensionando a localização do cemitério em relação a outras construções que integram o Sítio Histórico do Campo do Patu – patrimonializado naquele ano.

Figura 9 – Ambientações ao Cemitério do Campo do Patu



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a; 2019a)

Apesar de detalharem a espacialidade, pouco dimensiona-se o que a variedade de fieis estão a realizar enquanto seguem seus caminhos pelas redomas de muros brancos do Cemitério. Há, como notamos na Figura 6, singularizações das pessoas em meio à espacialidade tida como sagrada; no entanto, a variedade ritos penitentes em cantorias, no depósito de ex-votos, na oferta de pão e de água às almas dos que ali padeceram, descritas por Martins (2015), Silva (2017) e Fernandes (2024) não integram a Caminhada de Suderly em meio a esta locação.

Figura 10 – Oratório no Cemitério do Campo do Patu



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a)

Na proposição de Andrade, há curtas cenas do oratório sem fieis em 2017 que, por sua vez, não possui oferendas visíveis. Esta proposição não se renova em 2019 e, por sua vez, são as imagens das velas que cumprem esta representação ritualística em homenagem às almas na Caminhada de Suderly.

Figura 11. Ritos com velas no Cemitério do Campo do Patu



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a; 2019a)

O lugar das velas é referencial nas obras de Suderly como ato penitente e as imagens que combinam o volume de velas com o depósito de uma nova a partir da mão de um caminhante contribuem para posicionar este rito como um dos signos da Caminhada. Esta composição, para além das recorrências nas obras de Suderly, surge repetidas vezes nas obras de Valdecy – como temos observado. Outro aspecto que aproxima as obras de Suderly e de Valdecy é a valorização da presença dos párocos em meio ao rito sacro em meio ao Cemitério.

Figura 12. Celebração da Missa Campal no Cemitério do Campo do Patu.



Fonte: Acervo de pesquisa (2024)/Vivendo o Semiárido (2017a; 2019a)

Diferente de outras produções, apenas nas produções de Suderly podemos encontrar esforços de registro e de integração dos trechos dos sermões de padres às obras audiovisuais. Em 2017, o trecho do sermão exibido valorizava a presença daqueles que foram “candeias acesas [...] cheias de fé animando as outras para não perderem a esperança” (VIVENDO... 2017a) em meio aos confinados; contudo, imagino que estes não eram agentes da Igreja, mas confinados. Afinal, como apontam os escritos de Silva (2017), durante o confinamento, os oficiais da Igreja não eram figuras presentes no campo de concentração do Patu. O pároco afirma, ainda que “precisamos da luz do Espírito Santo” e nos intima a exercitar a partilha e a solidariedade em tempos de seca. Em 2019, o trecho é da oração em que se pede intervenção às “santas almas da barragem, os santos inocentes do Nordeste que morrem à mingua” (VIVENDO... 2019a); sem, no entanto, especificar pelo que se reza.

102

Considerações Finais

A Caminhada da Seca, textualizada por Suderly Andrade para o canal Vivendo o Semiárido, mobiliza uma narrativa em que prevalece o espaço rural combinado às reivindicações da fé católica como condicionantes da romaria que somos convocados a ver e a conhecer. Ainda que existam imagens de ambiências urbanas no início da produção de 2017, é no trajeto rural que esta produção ganha corpo e é na recusa a narrar o percurso pelas ruas com calçamento que o audiovisual de 2019 elencam as espacialidades sertanejas que fundamentam a Caminhada de Suderly.

Ao montar apontamentos narrativos sobre a romaria, Suderly elabora uma proposição que lhe é particular sobre o acontecimento. Embora aspectos estéticos e narrativos possam aproximar-se a outras produções, sua criação é única e singular; assim como é a Caminhada que por ele se monta. Assim, mais do que uma obra audiovisual, monta-se uma Caminhada a partir das agências de Andrade e, com ela, aponta-se um projeto de memória que angula o rito de fé aos marcadores católicos e institucionais.

É justo notarmos como, entre os vídeos pesquisados, há transições tecnológicas em torno dos aparelhos; e, com eles, ampliações das possibilidades de dizer. É com a possibilidade de filmar com o drone e com a posse de uma câmera que permite focagem manual que Suderly se vale destes artifícios técnicos e estéticos para praticar suas textualizações e, com ela, nos convida a interpretações das quais não controla.

Assim, com a elaboração audiovisual, Suderly torna-se um agente que se propõe a narrar sua experiência; somando-se a muitos outros que, como Valdecy Alves e Leo Marotoh – que temos pesquisado em outros trabalhos – fazem da criação narrativa um modo peculiar de engajar-se não apenas com os acontecimentos históricos referentes aos campos de concentração; mas também com o percurso até o Campo Santo possível ao caminhar e com as possibilidades de (não) dizer que se instauram nestes momentos, nestes contextos. Assim, mais do que um registro, os audiovisuais se revelam como afirmativas de presença e como chamados a conhecer a Caminhada e sua relação com os mortos (des)aparecidos a partir do engajamento com a história possível a quem os produz.

Interessa, pois, admitirmos as criações audiovisuais de caminhanças, como Suderly, enquanto práticas políticas que agenciam os contornos do acontecimento e, com isso, dinamizam as disputas em torno dos ocorridos. Com Suderly, a partir de seus audiovisuais, somos chamados a conhecer seus interesses diante do percurso e da história, ao passo em que podemos notar seus engajamentos para narrar o que lhe interessa frente ao que vive naquelas paragens sertanejas.

Diante das textualizações de Suderly, não há um caminho instituído a como devemos ou podemos imaginar a Caminhada. Embora existam elementos amplamente reconhecidos, a composição combinada entre imagens e músicas e a ausência de verbalizações que delimitem o horizonte interpretativo destes arranjos mobilizam amplas possibilidades imaginárias. Essa amplitude, característica deste formato que convencionou as produções de Suderly, tem sua potência no chamado que realiza ao leitor a se envolver com a obra e a significar as montagens audiovisuais que nos são apresentadas. Diferente de um dado conclusivo e categórico, a Caminhada de Suderly é um chamado a (des)montarmos nossas próprias caminhadas.

Referências

ABRIL, Gonzalo. *Análisis crítico de textos visuales*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

AMORMINO, Luciana. *A memória como gesto: um ato ético, estético e político*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2024.

FERNANDES, Alessandro. *Mídia e peregrinação: as representações imagéticas da devoção aos flagelados da seca na Caminhada das Almas em Senador Pompeu/CE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza, 2024.

LEAL, Bruno. “Notas sobre comunicação e experiência e suas implicações metodológicas”. IN: LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos. (Org.). *Teorias da comunicação e experiência: aproximações*. Cachoeirinha: Fi, 2023.

LEAL, Bruno. “Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação”. IN: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos; ALZAMORA, Geane. (org.). *Textualidades midiáticas*. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018.

LEAL, Bruno; MACÊDO, Daniel. “Dar fé à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos”. *E-Compós*, v. 27, 2024.

MARTINS, Aterlane. *Das santas almas da barragem à Caminhada da Seca: projetos de patrimonialização da memória no Sertão Central Cearense (1982 – 2008)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2015.

MARTINS, José. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2016.

MILNER, Max. *La fantasmagorie: essai sur l'optique fantastique*. Paris: Presses Universitaires France, 1982.

NEVES, Frederico. “Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, nº 29, p. 93-122, 1995.

RIOS, Kênia. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SILVA, Karoline. *Viva as almas da barragem! a construção da Caminhada da Seca em Senador Pompeu-CE (1982-1998)*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2017.

VARGAS, Getúlio. *Discurso pronunciado na capital do Ceará*. Presidência da República, Casa Civil, Secretaria de Administração, Diretoria de Gestão de Pessoas Coordenação Geral de Documentação e Informação. Biblioteca da Presidência da República, 1933.

Materiais de pesquisa

VIVENDO O SEMIÁRIDO. 125 Anos - Senador Pompeu-CE. Youtube, 2 set. 2021. 4min55s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=tuO1BCyrQ0k>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. 37 Caminhada da Seca Senador pompeu-CE. Youtube, 10 nov. 2019a. 2min47s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=_bhfJSs-FO8&t=10s>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. Nosso Semiárido. Youtube, 27 out. 2019b. 1min01s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=vTNs2U5oFJ8>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. Caatinga. Youtube, 27 out. 2019c. 0min21s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=ZVWIN7IM4Ww>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. Buracos na estrada, vivendo no limite. Muxinató Senador Pompeu - CE. Youtube, 11 jul. 2019d. 2min46s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=wjoyny_SppY>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. Semiárido vivo. Youtube, 11 jul. 2019e. 0min55s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=Ps-qKx-VyXE>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. 35º caminhada da seca 2017 Senador Pompeu – CE. Youtube, 12 nov. 2017a. 3min11s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=kGQHH5Qc6zY>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. galinhas poedeiras muxinató. Youtube, 05 nov. 2017b. 3min11s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=HOAH2ZGi-Do>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. Quintal agroecológico Muxinató. Youtube, 03 nov. 2017c. 2min15s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=W4UENweY8H8>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIVENDO O SEMIÁRIDO. Hino ccb irmão Luis. Youtube, 07 fev. 2017d. 6min55s. Disponível em: <youtube.com/watch?v=znr0w1WqWGg>. Acesso em: 20 dez. 2024.